



GUILHERME AGUIAR PEREIRA GUIMARÃES

Charles Alberto Villacorta de Barros
Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Nascido em 2 de outubro de 1931, ficou órfão de mãe (Sra. Eglantine Guimarães) aos 2 anos de idade. Criado juntamente com seu irmão Fernando, pelo pai português, Sr. Antônio Guimarães, teve uma infância cheia de intempéries, como a de muitas famílias de imigrantes. Sem o afeto da mãe desde pequeno, perdeu também o pai ainda na mocidade, aos 18 anos. Ainda sem saberem ao certo o seu caminho, Dr. Guilherme e seu irmão foram acolhidos pelo tio, médico do mais elevado prestígio na região, Dr. Adriano Guimarães. Mais que tio, mais que padrinho, foi-lhes exemplo.

O convívio diário e os ensinamentos do tio fizeram-lhe desenvolver um desejo ardente pela profissão e missão de curar enfermos, e a concretude deste anseio se realizou através da Faculdade de Medicina em 1958, um ano após a instalação da Universidade do Pará. Tudo conquistado com muito esforço: trabalhava como propagandista de produtos farmacêuticos, enquanto cursava a graduação em Medicina, o que, de certo modo também contribuiu para impulsionar seu sonho pela profissão, ao visitar ilustres profissionais da área da saúde.

Aos 27 anos, recém-formado, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de ser mentoreado pelo Dr. Fernando Paulino Soares de Souza, idealizador e fundador da Casa de Saúde São Miguel, cuja maior

riqueza era a de pós-graduação e residência médica em cirurgia. Embebido de grandes conhecimentos, da experiência adquirida após dois anos de intenso convívio com cirurgiões expoentes do Brasil e tendo contato com a diversidade de médicos de todos os cantos do país que ali iam se especializar, Dr. Guilherme retornou à capital do Pará, para iniciar sua práxis operatória.

Em 1962, proclamou votos de fidelidade com Heloísa Helena, companheira de vida, com quem teve três filhos: Antônio Guilherme, Heloísa Maria e Ana Helena. Contumaz operário da saúde, Dr. Guilherme repetia, constantemente, seu mantra a seus filhos: “Só o trabalho satisfaz”.

Seu exemplo de dedicação ao trabalho, não impedia seu tempo de qualidade com os filhos. Chegava com energia para brincar com seus pequenos, e depois adentrava a madrugada para estudar e se atualizar, enquanto o sono dos justos pairava pela casa. Não era incomum os filhos acordarem de madrugada e encontrarem o pai debruçado sobre os livros, em busca de um de seus grandes objetivos: tornar-se membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (CBC), cujo Presidente era o seu grande mestre, Dr. Fernando Paulino. Sentiu-se recompensado de tanto empenho, ao se tornar não somente membro do CBC, mas depois, Presidente do Capítulo Pará.

Era um cirurgião completo. Não havia desafio cirúrgico que o intimidasse. Realizava desde cirurgias cérvico-faciais até cirurgias ginecológicas. Esta última especialidade aprendeu desde os tempos de Faculdade, ao acompanhar a rotina de seu tio Adriano. Como disse uma vez Robert T. Morris: “Nenhum dos leigos pode perceber quanto tempo, dores, erros, imaginação, sofrimento mental e dinheiro foram investidos na criação de um cirurgião experiente”.

Sua capacidade, competência e sacrifício abriram portas: foi médico da Santa Casa de Misericórdia do Pará, sócio do serviço Prontocor e viveu todas as etapas de sua carreira no Hospital D. Luiz I, da Beneficente Portuguesa.

Neste último, de origem lusitana, viu os primeiros passos profissionais de seus filhos, todos três formados em Medicina. Seguindo suas pegadas e com eles convivendo como colegas de profissão, inclusive operando com seu filho, o cirurgião Antônio

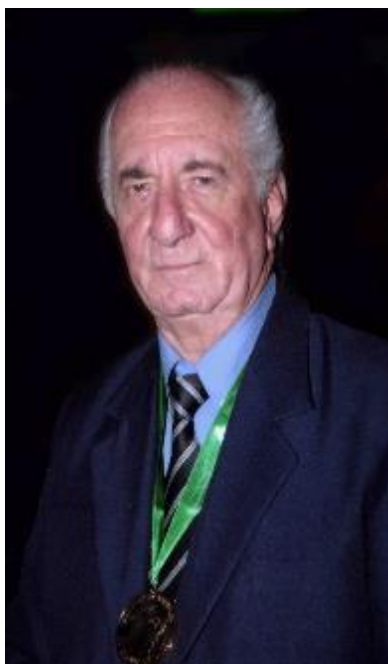
Guilherme. Com sua ligação mais que profissional com este hospital, atuou na assistência e na gestão, até se tornar Diretor na instituição. Nessa ocasião, teve a oportunidade ímpar de agradecer e, ao mesmo tempo, homenagear aquele a quem muito devia por haver-se tornado médico. Inaugurou a ala Dr. Adriano Guimarães, eternizando-o na memória do Hospital da Beneficente Portuguesa.

A intensa rotina de responsabilidades cobrou, porém, o seu custo, e aos 51 anos, Dr. Guilherme sofreu um infarto agudo do miocárdio (IAM). Para alguns, poderia ter sido uma grande lamentação; para ele, de personalidade efervescente, foi o gatilho necessário para mudanças no estilo de vida e, assim, poder continuar a fazer o que mais gostava: operar. Foram noventa dias de afastamento, onde teve oportunidade de ler os romances de seu autor preferido, Somerset Maugham, ouvir as músicas dos Beatles, melodiosamente interpretadas por Sarah Vaughan, e deleitar-se com conversas amenas com seu amigo do peito desde os tempos de Faculdade e compadre, Dr. Ronaldo de Araújo. Este coração ainda lhe causou sobressaltos, sempre cuidado por aquela que já o tinha em suas mãos, Dra. Heloísa Guimarães, médica cardiologista e sua filha.

Seu retorno à arena nunca foi duvidado por aqueles que o conheciam. Professor adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA), na disciplina de Cirurgia e Gastrenterologia, foi um dos pioneiros da Videolaparoscopia no Estado e auxiliou na formação de uma geração de cirurgiões nesta nova habilidade, tendo como pupilos alguns dos renomados membros titulares de nosso silogeu.

Quando em setembro de 1987 foi criada a Academia de Medicina do Pará, seus organizadores tiveram a feliz ideia de escolher o seu nome para primeiro ocupante da Cadeira de número 21, cujo Patrono seria o brilhante cirurgião Dr. Orlando de Almeida Pinto, seu diletíssimo amigo, que o precedera na especialidade.

Católico de nascimento e de coração, Dr. Guilherme faleceu em outubro de 2015, após 84 anos de muita história e uma trajetória profissional profícua e ilibada. Nesse mês mariano, de tanto regozijo e celebração familiar na capital do Pará, a festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré seria oportunidade ímpar para atuar em seu cargo mais importante: o de avô de três netos muito amados, que receberam de legado a retidão, a dedicação e a bondade de um grande homem.



GUILHERME AGUIAR PEREIRA GUIMARÃES



Cadeira n^o 21 – Primeiro ocupante

